

O ENSINO DO LÉXICO: A ABORDAGEM DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º ANO DE UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE ARAGUAÍNA-TO

Willas Silva Santos (UFTO)

Ana Claudia Castiglioni (UFTO)

RESUMO

Neste trabalho apresentaremos uma análise a respeito do livro didático do 6º ano adotado por uma Escola Estadual do município de Araguaína-TO para a segunda fase do Ensino Fundamental no ano de 2014. Partimos de um método de análise qualitativo, tendo como base textos teóricos referentes à área da Lexicologia. Observamos que o livro do 6º ano aborda o léxico nos textos e nos exercícios, não em todos os capítulos e nem de forma ampliada, mas congrega princípios importantes para os trabalhos com os lexemas, como a necessidade de esclarecer aos alunos que estão entrando no segundo segmento do ensino fundamental de que há distintas palavras na nossa língua, que elas são dicionarizadas, que existem variações e preconceitos sobre determinadas formas de se expressar etc. Dos livros didáticos que foram catalogados e analisados, o do sexto ano dedica um espaço maior para o léxico, diante disso, escolhemos apresentar a análise deste, quando buscamos reconhecer e entender como se dá o desenvolvimento do ensino do vocabulário.

Palavras-chave:

Léxico. Lexicologia. Livros Didáticos.

1. Introdução

O léxico de uma língua é imprescindível para compreender a história e a cultura de uma determinada comunidade através dos usos linguísticos que a mesma faz no processo comunicacional. Três ciências voltam seus olhares e toma por objeto de estudo o vocabulário da língua: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. É a partir dessa primeira que seguiremos esta pesquisa que se ocupa do estudo do componente lexical geral, em todos os seus aspectos. “Isto é, a lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações” (VILELA, 1994, p. 10).

Os estudos acerca dos processos lexicológicos surgem para ajudar a inteligibilidade do falante de uma língua na organização do vocabulário que ele usa no seu dia a dia. As crianças durante o processo de adaptação e apreensão do uso da língua possuem um léxico reduzido e genérico, não

dispõe de um vocabulário amplo e que seja específico para determinar distintos processos extralinguísticos, mas, unem um lexema a vários referentes:

O primeiro estágio do desenvolvimento cognitivo da criança está ligado à criação de esquemas cognitivos globais: percepção global do mundo, por isso o léxico que ela utiliza se caracteriza por designações bastante genéricas ou bastante específicas, pois a criança não chega a categorizar classes de objetos, visto não ter desenvolvido a abstração. (TURAZZA, 2005, p. 79)

Vemos então como o léxico é dinâmico e constituinte na formação do cidadão, quanto mais contato com a língua o falante tem, maior será sua apropriação de unidades léxicas.

Esse trabalho é o recorte de uma pesquisa que nasceu da necessidade de compreender o espaço escolar por meio do livro didático, como mecanismo de introdução e apreensão do vocabulário da língua, a quais passos o professor de português encontra-se, frente à demanda de ensinar e abordar o léxico em suas aulas. Durante a pesquisa analisamos os livros didáticos do 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, mas, para este trabalho e por ter uma abordagem mais expansiva do léxico, optamos pelo livro do 6º ano para demonstrar a análise.

2. O léxico no âmbito do ensino de língua portuguesa

O estudo do léxico desemboca em questões importantes sobre a originalidade das palavras, suas significações, o processo de formação, seu direcionamento quanto aos usos e infinitas possibilidades. O léxico de uma língua é enriquecido por contribuições que geralmente partem de línguas com o mesmo fundo lexical do português que é o latim e também de línguas de espaço territoriais vizinhos, mas que são processos de formação interlinguísticos essenciais no fomento do vocabulário. Alves (1996) salienta a partir de Spina (1987, p. 21-4) algumas das contribuições que recebeu a língua portuguesa:

A partir do século XVI, a expansão navegatória dos portugueses, a colonização e o contato com os povos conquistados não somente difundem a língua portuguesa como também se tornam susceptível à influência de outras línguas, sobretudo as faladas no Oriente. No português do Brasil, especificamente, a influência indígena no nível lexical começa a se tornar importante nesse século e, com a vinda dos escravos africanos, é também re-

levante, a partir do século XVII, a contribuição do legado lexical africano.

Os livros didáticos dedicam espaço ao ensino do léxico nos tópicos que se destina ao processo de formação de palavras. Conteúdo que comporta o ensino do léxico, sobretudo no que diz respeito à compreensão que o falante passa a ter sobre a cadeia lexical que nasce a partir dos processos de derivação e composição das palavras. Tomando o modelo tradicional desses dois processos seria a derivação uma ação que resulta entre a junção de um elemento morfemático com a base de uma palavra e composição nasce a partir da união entre duas palavras autônomas (VILELA, 1979, p. 73).

Pressupõe que o enfoque dos processos de formação de palavras seja tratado de modo mecânico, com exemplos fráscos descontextualizados, pelo professor de língua materna. Aplicações que fogem do campo funcional e imbrica nas questões gramaticais uma vez que os processos semânticos constitutivos de um lexema não fecham o significado completo da palavra, dependem de uma referência a qual as possibilidades de uso desse lexema sejam abarcadas pelo falante. Assim, os professores estariam negligenciando ou deixando fugir do centro das atenções os mecanismos linguísticos pelos quais um lexema se liga a outro ou como os processos derivacionais e composicionais atuam na significação de um texto, ou também se mantendo presos ao livro didático e suas atividades de formação de palavras que depois de propostas são esquecidas de serem aplicadas no contexto social e interacional do aluno conferindo o destino dessas palavras, suas múltiplas significações (polissemia) e formas de uso, variação, etc.

Diante disso, a gramática ocupa maior espaço nos sumários dos livros didáticos, detalhando cada classe gramatical e em cada ano, do ensino fundamental ao ensino médio, transferindo para a gramática os processos que necessariamente não são do seu encargo, como por exemplo, o ensino do vocabulário. A abordagem ao léxico confunde-se com o aspecto morfológico, isso se deve pela complexidade do objeto da lexicologia que por vezes evoca semelhanças com outras áreas da linguagem. Ainda mais sobre o assunto Antunes (2012) destaca:

Tampouco importa a vinculação de tais criações com as demandas culturais de cada lugar e de cada época. Importa reconhecer o componente gramatical implicado nesses processos. Tanto é assim que a questão da formação de palavras consta no bloco do compêndio destinado à sistematização da morfologia. Nos programas de ensino ou nos planejamentos elaborados por alguns professores, as questões sobre o léxico também ganham apenas um espaço diminuto, quase uma concessão (“Para não dizerem que não falamos

de flores”, ou, do léxico!). (ANTUNES, 2012, p. 21)

O papel do professor no ensino do léxico deve ser como um mediador que auxilia os alunos na produção de conhecimentos referentes ao modo de significar/interpretar/reconhecer as unidades da língua em distintas funções por meio do uso dos textos que ajudam nessa interação de ensino–aprendizagem entre professor e aluno e na competência lexical que emana de uma atividade que considera diversas práticas discursivas como caminho de expansão do léxico da língua.

Sobre o papel que o professor tem em sala através do ensino do vocabulário por meio de usos com os textos realizando leituras, é necessário atentar para a função que a escola desempenha como:

Instituição que é responsável pelo aprendizado da leitura, da escrita e pelo domínio da “arte de contar” e, por outro lado, a função da leitura e da escrita nos quadros cultural e ideológico da sociedade atual, visto que tais atividades não podem ser dissociadas das sociedades escolarizadas e/ou letradas. (TURAZZA, 2001, p. 02)

Para a autora, rejeitar a leitura do texto escrito é rejeitar a função básica e prioritária da escola; é rejeitar a interação com outros quadros culturais e ideológicos, com outros modelos de representação de mundos. (TURAZZA, 2001)

Para um uso menos tradicional do vocabulário que não seja apenas de decodificação das unidades léxicas por meio de ditados, ou por atividades que exijam do aluno preencher lacunas, o texto é o instrumento que conecta o aluno às mais distintas formas de usos linguísticos e extralinguísticos pela multiplicidade semântica dos lexemas e pelas possibilidades de aplicação do léxico no discurso.

A partir do texto todas as questões de semântica, morfologia podem ser solucionadas através do léxico que tem por função “apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma” (VILELA, 1994, p. 10). Nesse sentido, preconiza-se o uso do texto como forma de interação do aluno com as realidades possíveis e variáveis de significação. Sobre o uso do texto como forma de mecanismo de ensino para um estudo menos tradicional Faraco e Castro (2000) dizem que:

(...) o objeto de estudo privilegiado no ensino de linguagem, ao abandonarmos o formalismo gramatical, deve ser o texto, na medida em que ele é, de

fato, a manifestação viva da linguagem. Nesse sentido, até mesmo o ensino dos aspectos normativos estaria subordinado ao trabalho com o texto, isto é, as regras gramaticais não seriam mais ensinadas por meio de frases soltas, abstraídas de contexto, e sim na perspectiva de sua funcionalidade textual. Em outras palavras, a proposta dos linguistas reivindica o abandono da memorização exaustiva dos conceitos e normas gramaticais em frases descontextualizadas, em favor da percepção prático-intuitiva dos fatos gramaticais presentes no texto. (FARACO; CASTRO, 1999, p. 180)

O ensino da língua materna tendo como base o texto possibilita que o aluno desenvolva habilidades cognitivas no processo de significação do mesmo no ato de leitura. Vão se conectando a saberes partilhado que se unem aos conhecimentos linguísticos e incidem sobre as palavras do texto redirecionando seus sentidos a partir da visão contextual e além-fronteiras que o leitor aciona na interpretação:

Por este saber partilhado – significados constituídos a várias mãos – o produtor – autor integra-se aos mundos referenciais do leitor. Ser cooperativo é adotar esse mesmo procedimento, valendo-se das relevâncias salpicadas pelo texto, de modo a percorrer as avenidas de sentidos abertas pelo processamento das informações, transformando-as em conhecimentos: alterando modelos de representação de mundos. O leitor cooperativo, portanto, é aquele capaz de reconstruir as verdades de seus mundos pelas verdades dos mundos do produtor-autor. (TURAZZA, 2001)

Muitas abordagens do léxico em sala de aula acontecem por intermédio de processos pela metade, por exemplo, quando o professor pode propor uma aula sobre o ensino do vocabulário, geralmente, na analogia que se fazem com as produções textuais referiram-se aos processos semânticos de produção essenciais para os textos apenas os conectivos gramaticais (pronomes e conjunções), do que os nexos formados de verbos, substantivos e adjetivos (ANTUNES, 2012, p. 22), no que diz respeito aos aspectos coesivos e coerentes do texto, partindo do princípio do isolamento da frase para atestar a coesão presente e permitir trocas de vocábulos para observar se continua ou não com sentido.

As atividades dentro da sala de aula que utilizam o léxico, partem mais sobre essas funcionalidades: substituições de palavras, preenchimento de lacunas, aliás, não é estudo do léxico, e sim, apropriação das unidades lexicais como portadoras de sentido à parte do texto, apenas no nível frasal, pois o aluno, em outro contexto que esteja inserido, talvez não reconheça o uso dos lexemas aprendidos de forma descontextualizados.

As relações semânticas que são muito importantes no contexto significativo da linguagem ficam presas no ensino de língua apenas a dois: os si-

nônimos e antônimos; o primeiro mantendo relações de significados entre dois lexemas formalmente distintos e o segundo onde o conteúdo se opõe a dois lexemas (VILELA, 1979), então, nega-se outros processos como os hiperônimos (termos genéricos, exemplo: animal, o termo específico desse hiperônimo podem ser: cão, gato, rato etc.), parônimos (palavras que gráfica e fonologicamente se correspondem, porém seus conteúdos se distinguem.). Nessas escolhas de abordagens semânticas, seria interessante partir do ponto de princípio coesivo e coerente que esses processos exercem nos textos. Sobre a produção de sentidos e sua relação com o léxico na decodificação dos textos vemos que “passa-se a postular que os sentidos de um texto são produzidos pelo leitor, a partir de seus conhecimentos prévios: linguísticos e não linguísticos” (TURAZZA, 2001, p. 3).

Processos que deveriam de uma atenção maior na abordagem ao léxico no ensino de língua portuguesa, são relações de sentidos como: a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia, a paronímia, a associação semântica, que constituem e caracterizam a continuidade significativa da atividade textual. Além de inserir na abordagem do léxico, questões como: a pressuposição e a inferência, os efeitos de sentidos de determinadas palavras e/ou expressões, distintas figuras de linguagem, eufemismos, palavras que desencadeiam em ambiguidade, estratégias referenciais e expressões cristalizadas que mostram como acontece a coerência no nível dos substantivos, dos nomes no texto, pois seus usos derivam de uma preocupação com a carga semântica da produção e o cuidado com redundâncias, sendo importante frisar que as repetições de palavras competem a determinada abordagem do texto, um meio de permitir a coerência e o entendimento das expressões usadas.

Um fator imprescindível ao ensino do léxico na escola é o uso do dicionário como ferramenta importante no processo de aprendizagem de significados novos a termos já conhecidos ou não. Cabe ao professor indicar o uso dessa ferramenta fundamental aos seus alunos:

El empleo que hagan del diccionario los estudiantes durante el aprendizaje de la lengua dependerá de las instrucciones que le dictes u profesor. Por eso es por lo que resulta importante y necesario que el profesor conozca los diccionarios y sepa qué partido puede sacar de ellos. (EZQUERRA, 2003, p. 13)

Existem alguns aspectos que dificultam a utilização dos dicionários pelos alunos, seja pelo fato do professor não incentivar esse uso, assim satisfazendo as dúvidas dos estudantes em cada lexema que esses tenham dificuldades na compreensão do significado; seja pelo fato dos livros traze-

rem ao final dos textos glossários com lexemas que no ponto de vista do autor sejam as desconhecidas pelos alunos; seja pela cultura que se disseminou de que consultas ao dicionário sugere falta de inteligência; ou pela complexidade de se recorrer ao dicionário devido uma entrada lexical evocar outra entrada para apreender o significado da palavra, por isso é necessário que o professor mostre ao aluno “como que ele deve selecionar as informações disponíveis no dicionário que podem auxiliar a ampliação do seu conhecimento lexical” (DARGEL, 1999, p. 29).

É inegável que o uso do dicionário enriquece o léxico do indivíduo e o coloca frente à apropriação da norma privilegiada da língua, mas existe necessidade de que outras variedades da língua sejam incorporadas para a consulta e apreensão pelos falantes de um idioma:

Para que essa ferramenta seja eficaz no auxílio ao ensino do vocabulário, é mister que os lexicógrafos brasileiros atendem para o fato de que o português usado no Brasil não é constituído de uma só norma, a consagrada como padrão, e sim de uma norma padrão e várias subnormas. Enquanto as últimas não receberem tratamento adequado dentro dos trabalhos lexicográficos, não se terá um dicionário representativo do léxico do português brasileiro. (DARGEL, 1999, p. 29)

Enfim, sendo a língua “um instrumento para distinguir coisas e para comunicar sobre as coisas” (VILELA, 1979) é urgente que as escolas coloquem em funcionamento os seus dicionários para que eles sejam pontes que liguem os sentidos do mundo e toda compreensão linguística da palavra ao falante de língua portuguesa (LP).

Existem ainda mudanças que precisam ser feitas na abordagem ao léxico no âmbito do ensino da LP, sobretudo, da forma de como enxergam essa categoria linguística tão importante à compreensão de sentidos e intenções, como composição elementar dos textos, como formadoras de nexos que garantam coesão e coerência, etc.

Análise do livro didático do 6º ano

As escolas contam com o auxílio de um suporte pedagógico imprescindível para o planejamento das atividades escolares: os livros didáticos. São assegurados por lei os seus usos e é dever do estado garantir a manutenção do ensino através de despesas que sejam do objetivo das instituições no fomento da aprendizagem, sendo a “aquisição de material didático-escolar e manutenção de programas de transporte escolar” (BRASIL. Lei nº

9.394, de 20 de dezembro de 1996) uma delas, porém, seu uso como recurso didático não deve ser o único como aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

[...] o livro didático é um dos materiais de mais forte influência na prática de ensino brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento. (BRASIL, 1998, p. 96)

Os livros didáticos passam por etapas distintas de seleção junto ao PNLD que disponibiliza editais para que editoras se inscrevam e posteriormente aqueles que se adequarem mais às exigências das escolas são escolhidos.

Porém, muitas vezes alguns conteúdos são poucos explorados nos livros e/ou mesclados com outro conteúdo, como por exemplo, o ensino do vocabulário que recai às vezes nos apêndices dedicados à gramática, principalmente em aulas sobre formação de palavras.

Para entendermos como o estudo do léxico é abordado no LD recorreremos aos usados por uma escola estadual de Araguaína. O material didático utilizado por essa escola faz parte da coletânea “Português Linguagens” dos autores Cereja e Magalhães (2012), correspondentes ao período de 2014/16, dedicados às turmas de 6º ano.

O livro se organiza em quatro unidades, as quais congregam três capítulos cada. A estrutura dos capítulos se assemelha: ora alternando o seu início com o estudo do texto, ora com uma produção de texto intermediada por questões gramaticais, como substantivo, adjetivo e numeral. Existem neles alguns tópicos fixos que se repetem ao longo do livro, como: “Compreensão e interpretação”; “A linguagem do texto”; “Trocando ideias”; “A língua em foco” e “De olho na escrita”. Ao final de cada unidade existe um espaço destinado à produção textual amparada por novas ideias e sugestões a partir dos textos propostos ao longo dos capítulos. A seguir veremos como o léxico está sendo abordado nas atividades e nos textos do LD escolhido para análise.

3. Análise da abordagem ao léxico nas atividades e nos textos do livro didático

A importância do estudo do léxico como meio de enriquecimento linguístico para os falantes de uma língua é indiscutível, assim como também o é a relação que existe entre a competência linguística e os conhecimentos lexicais. Quanto mais o falante se apropria da língua, mais domínio da norma padrão ele tem e mais conhecimento vocabular sobre as variedades linguísticas também. Nesse sentido, para Ezquerria “La enseñanza del vocabulário consiste, resulta algo evidente en adiestrar a los alumnos en el conocimiento, aprendizaje y uso adecuados de las palabras de la lengua” (EZQUERRA, 2003, p. 11).

A abordagem lexical nas atividades e nos textos do livro analisado se dá, sobretudo, na primeira unidade. O primeiro capítulo propõe o estudo de contos maravilhosos, gênero textual que se presume ser um dos mais lidos pelas crianças, e como de praxe, após o texto inicial encontramos a compreensão e interpretação do mesmo, mas sem mencionar o léxico. Utilizam perguntas referentes ao texto, onde as respostas estão imbricadas nele, de forma explícita. Logo em seguida no tópico “A linguagem do texto” apesar do título, nada mais é que um conjunto de perguntas de como se constitui os parágrafos de um texto, exemplos de tipos de frases existentes e grau diminutivo dos substantivos, todas sem enfoque direto ao léxico, apenas com conteúdos formais da escrita. Ainda nessa parte, numa das questões que trazem o diminutivo das palavras, listam-se três lexemas propícios à verificação de constituição linguística das palavras: “inteirinha”, “filhinha” e “pezinho” que são unidades alteradas quanto ao grau dos substantivos. Vê-se, então, uma oportunidade de o professor introduzir questões do léxico aproveitando caminhos que desembocam para tal enfoque.

Seguindo pelo capítulo I, o LD propõe uma produção de texto voltada ao gênero estudado, conto maravilhoso, mas, é na página seguinte que o léxico aparece, em questões relacionadas à Lexicografia com o uso de dicionários. É apresentado um texto que trata sobre um autor de contos maravilhosos e que a partir disso montam perguntas referentes ao conhecimento das palavras, demonstrado a seguir:

Figura 1: Exercício de texto com dicionário



Muitas vezes o nosso conhecimento acerca de unidades lexicais é restrito às palavras com as quais frequentemente temos contato, mas, a partir do estudo de distintos textos nos deparamos com novas palavras e começamos a diferenciar o nosso repertório lexical, que é o geral, dos vocábulos que são palavras utilizadas nos textos e que através dessa interação o aporte lexical se enriquece. O termo léxico e vocabulário são diferenciados por muitos teóricos, mas, a saber:

[...] léxico é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; vocabulário é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades. No plano das realizações discursivas qualquer sequência significativa será chamada indiferente e imprecisamente de palavra ou vocábulo. (BIDERMAN, 1996, p. 32)

Portanto, podemos distinguir lexema de vocábulo a partir dessa diferenciação existente entre o repositório da língua com os acréscimos oriundos do contato com o processo de socialização no contexto interacional da linguagem.

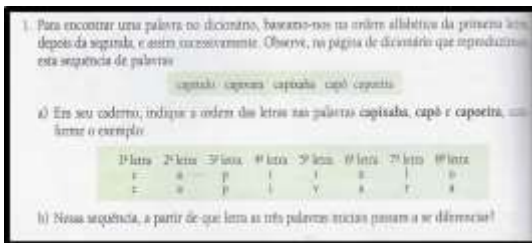
Voltando a atividade usando o dicionário como foco, abaixo do texto enfileiram-se algumas palavras retiradas dele com o intuito de fazer o aluno colocar essas unidades em ordem alfabética assim como o dicionário orga-

nizam suas entradas. Essa parte proporciona ao professor contextualizar esses lexemas à realidade extralinguística do aluno, buscando referenciar significantes variados aos conceitos dessas palavras ou aplicando-as noutro contexto distinto das suas funcionalidades.

Na página que segue, o LD reproduz uma parte de um dicionário com entradas de iniciais com a consoante “c” continuando com o processo de familiarizar o aluno ao recurso imprescindível em aulas de Língua Portuguesa que é o dicionário. Aciona em aula, o professor, a necessidade de o aluno recorrer aos dicionários para que sanem dúvidas em relação aos significados que desconheçam e vendo a forma pelo qual as palavras são organizadas, deparando-se nessa atividade, em especial, com o processo sistemático que é para os lexicógrafos cuidarem da construção desse suporte pedagógico de extrema funcionalidade na descoberta de novos lexemas, sua constituição morfossintática, fonológica e semântica.

A questão de número 1 da atividade trata da separação das letras das palavras “capixaba”, “capô” e “capoeira” de forma que o aluno siga o exemplo dado na página e faça o mesmo com as unidades dadas a fim de colocar uma sob a outra e enumerar cada letra para identificar a partir de qual número as palavras começam a se distinguir:

Figura 2: exercícios com o dicionário



Sem dúvida, uma proposta interessante para que o aluno pense sobre como as palavras mantêm parentesco uma com a outra, que pertencem a um mesmo radical, que a partir de um novo acréscimo a palavra x pode originar outra (derivação). No entanto, o exercício se finda nesse processo de enumeração e observação do ponto onde essas palavras passam a se diferenciar e não deixa evidente uma intenção de interação do aluno com o seu contexto, incentivado pelo professor.

Como sugestão, vale ressaltar a necessidade de exemplos diversos de aplicabilidade do léxico para induzir o aluno a buscar novas definições para os termos e se apropriarem deles para fazerem uso no seu vocabulário. Há a percepção de que o professor, se sentir necessidade de trabalhar mais a fundo o léxico, precisa buscar noutros recursos que norteiem sua prática em aula, uma vez que os LD não comportam todos os conteúdos detalhados minuciosamente e não é o único recurso válido para trabalhar questões da língua.

Então, o professor pode usar de um momento como esse, de verificação de como as palavras se organizam no dicionário, para elucidar questões importantes de constituição, composição e derivação das palavras usando o dicionário como exemplo de tantas outras unidades que possuem o mesmo radical comum para manter a inteligibilidade do estudante sobre os lexemas que carregam essa característica.

Figura 3: Continuação do exercício com o dicionário



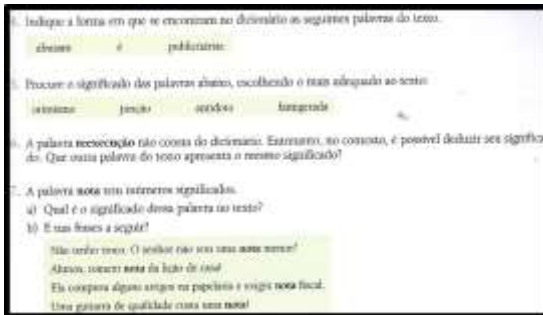
Na figura 3, encontraremos a continuação do exercício com o dicionário focalizando justamente a função dele como recurso que comporta o significado das palavras de uma língua. Ainda no capítulo I o dicionário marca presença e autentica sua importância para o estudo do léxico. No texto a seguir, retirado do livro na página 24, o autor propõe atividades que indicam o uso do dicionário (figura 4) a fim de se obter o significado e tam-

bém a forma infinitiva dos verbos listados:

Por que algumas músicas não saem da nossa cabeça?

Porque elas usam e abusam de letras repetitivas, melodias simples e positivas – ou seja, poucas notas musicais e sons que inspiram uma sensação de otimismo no ouvinte. Com essa junção, a canção gruda no cérebro que nem chiclete. Quem é que não sabe de cor a melodia e a letra de “Macarena”, de Los Del Rio? Ou a ex-sensação do verão, “Festa no Apê”, do Latino? Há muito tempo, a publicidade descobriu que a simplicidade e a repetição são o caminho para fazer o público decorar sua mensagem. “Um dos elementos do jingle é justamente a reexecução de melodia e letra dentro da mesma música”, diz o compositor Calique Ludwig, especialista em mensagens publicitárias musicadas. Mesmo assim, os especialistas garantem que não existe uma receita infalível para uma música grudada – às vezes a tentativa dá certo, às vezes não. Tem algum jeito de se livrar dessas pragas sonoras? Não existe “antídoto” 100% confiável, mas há quem diga que a melhor maneira é repetir até o fim a famigerada canção. Pode funcionar. Então, relembre: “Hoje é festa, lá no meu apê...”(Mundo estranho, n 39. Editora Abril.)

Figura 4: Atividade proposta com a utilização do dicionário



Continuando na página da atividade anterior, vemos no tópico “A língua em foco” um momento de situar o interlocutor sobre a linguagem e sua funcionalidade na interação humana. Os aspectos sobre a língua e questões relacionadas a diferenciação entre linguagem verbal e não verbal prosseguem nas páginas posteriores. Na figura a seguir, há a presença de palavras oriundas das culturas asiáticas que porventura se estabeleceram no português falado no Brasil e a tirinha causa efeito de humor com a situação de interação na figura.

Figura 5: Palavras importadas de outras línguas para a Língua Portuguesa

A língua em foco

LINGUAGEM: AÇÃO E INTERAÇÃO

CONSTRUINDO O CONCEITO

Você conhece Malakka, personagem criada pelo cartunista argentino Quino? Ela é uma menina inteligente, que adora questionar tudo o que vê. Leia essa tira com a personagem:

Quino, Malakka. In: Puchi, Roberto. Foco, 2005, v. 1, p. 11

1. A tira retrata uma situação cotidiana.
 - a) Quem são as personagens? b) Onde elas estão?
2. Observe o 2º e o 3º quadrinhos da tira.
 - a) Na sua opinião, por que Malakka entra no ofício, procurando-o com os dedos?
 - b) A que língua pertencem as palavras que ela diz à mulher?

Esse exercício introduz o aluno diante aos aspectos linguísticos quanto às variedades existentes na língua, nesse caso os empréstimos que realizam de outras línguas por meio da globalização e expansão econômica dos países desenvolvidos. Sobre isso, Vilela (1994, p. 14) enfatiza que

A língua portuguesa é o resultado de uma longa história, e o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que reflectem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas. E o léxico tem três possibilidades para se adaptar a situações novas: câmbios semânticos, empréstimos e formação de palavras (a partir de palavras ou elementos existentes na língua). (VILELA, 1994, p. 14)

Sobre questões de empréstimos de outras línguas, os estrangeirismos, na página 30 do livro, é colocado à reflexão de uso da palavra *push* e a partir dela informa a presença de outros anglicismos que entram no português por inúmeros fatores, principalmente, pelo glamour que existe nos estrangeirismos, ainda mais vindo de país de primeiro mundo e com hegemonia econômica e em todos os setores como é o caso dos EUA. Vejamos a figura:

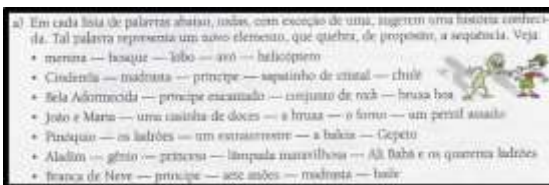
Figura 6: O uso do estrangeirismo no Brasil



Fonte: (CEREJA; MAGALHÃES, p. 25, 2012)

Mais à frente, no capítulo II, e ainda com o conto maravilhoso como gênero estudado, o aluno é colocado diante de uma atividade de produção textual com o intuito de reinventar um conto famoso.

Figura 7: Atividade conto



Fonte: Cereja e Magalhães (2012)

Na questão 1, são dispostas em sequência listas de palavras que estão ligadas, pelo seu sentido e contexto, a um conto de fadas conhecido. O campo lexical dessas palavras permite que compreendamos que todas podem ter como arquilexema a palavra “conto”, desse modo, no seu paradigma teremos as palavras que fazem parte do campo lexical “conto”. Vilela (1979, p. 60) explica que campo lexical é

Um paradigma lexical formado pela articulação e distribuição de um contínuo de conteúdo lexical por diversas unidades existentes na língua (palavras) e que se opõem entre si por meio de simples traços de conteúdo. Isto

é, o campo lexical compreende um conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposições imediatas. (VILELA, 1979, p. 60)

O campo lexical une palavras por meio de pontos associativos e que pertençam a diferentes classes gramaticais. Por isso, a atividade de reescrita do conto permite a partir das listas de palavras significar e contextualizar todas elas e inseri-las em algum contexto exemplificando outros campos lexicais com o objetivo de esclarecer ao aluno quais as palavras que possuem traços semânticos comuns e que são ligadas a uma palavra norteadora (arquilexema).

Finalizando o segundo capítulo nos deparamos com as páginas finais dedicadas às variedades linguísticas desde a definição, ao emprego e à diferenciação. O LD aborda aspectos da norma-padrão e seu status de prestígio; a variação linguística e o preconceito; o senso comum a respeito do falar bem considerando ser o modo adequado e os tipos de variação, desde aos falares de várias regiões até às gírias. Essa abordagem elucida questões essenciais ao combate de preconceitos arraigados que ridiculariza os dialetos e qualquer outra forma linguística que mantém traços distintos da norma-padrão. A multiplicidade da língua deve-se ao seu movimento e transformação com o tempo, pois ela

[...] no seu conjunto e as unidades léxicas – que são o objeto da lexicologia – não são um todo homogêneo: são o resultado heterogêneo dum processo histórico. Qualquer língua histórica é um diassistema (ou sistema de sistemas): inclui variedades diatópicas ou geográficas, variedades diastráticas ou sociais, variedades diafásicas ou estilísticas (Cf. COSERIU, 1973: 32 e ss.). (VILELA, 1994, p. 12)

Na página 45, nos deparamos com um texto que talvez seja o mais fértil de possibilidades para trabalhar com o léxico. Trata de uma história onde a variedade linguística, especificamente a diatópica, faz-se presente pelos atores envolvidos na situação. Chega numa escola um aluno gaúcho e a partir disso promove questionamentos por parte dos outros colegas o que significa as palavras desconhecidas no vocabulário deles, como por exemplo, “pechar o auto” que equivale a “bater o carro”. Encontra presente no texto ganchos para ensinar o léxico, frisar as variedades da língua, trabalhar com a origem das unidades léxicas, etc.

Nas páginas que seguem, as atividades propõem que os alunos interpretem o texto, mas também, coloca-os diante a questões como, por exemplo, as gírias e sua mudança ao longo do tempo. O livro ainda traz uma lista

de palavras do português falado no Brasil e no falado em Portugal, possibilitando um exercício de percepção de diferenças existentes nos falares e o debate sobre tais mudanças é louvável para o êxito da aula com o léxico.

O capítulo 3 não aborda o léxico, uma e outra atividade pode servir de respaldo para o professor introduzir o estudo do vocabulário, no entanto, não comporta um espaço amplo. Do mesmo modo acontece com a unidade 2, nos três capítulos dessa unidade a gramática torna-se centro com os conteúdos voltados para as classes gramaticais, suas definições, emprego e uso, são elas: substantivo e adjetivo e suas flexões. E o estudo do texto, assim como a produção textual, segue nos apêndices dessa unidade.

A unidade 3 também não menciona o léxico em todos os capítulos, nela vemos mais a presença de glossários ao final de cada texto, utilizado através de inferência, pelo o autor, das palavras que o interlocutor considerará difíceis ou desconhecidas.

Figura 8: Glossário ao final do texto



Fonte: Cereja e Magalhães (2012)

Nesse sentido, o papel do professor deve ser de conduzir o aluno a ter pelo menos curiosidade de utilizar-se do dicionário para compreender sentidos que desconheçam. Salientar a importância de não se contentar somente com os glossários, mas adquirir o hábito de consultá-lo em caso de dúvidas. O que acontece são as formas pejorativas que ao longo do tempo se deram ao dicionário, criando ideias de falta de inteligência aos que o recorriam.

Outro ponto necessário sobre o uso do dicionário é a maneira de como se organizam as entradas lexicais nele. Uma entrada encaminha a outra para enfim descobrir o significado. Isso pode tornar a busca do aluno complexa e cansativa. O fato é que todos os lexicógrafos devem-se intencionalizar a objetividade da consulta para o consulente a fim de que ele “encontre a informação desejada tão fácil e rapidamente quanto possível. Isso inclui apresentar as definições absolutamente despojadas de toda informação especializada e despidas de todo jargão técnico” (NEVES, 1996, p. 137).

Enfim, o professor direcionando em suas aulas o uso do dicionário pelos alunos promoverá o hábito da consulta e a compreensão deles em relação ao dicionário como obra que registra o léxico de uma língua e dispõe ele a serviço do falante. Em sala de aula o LD e o dicionário interdependem, pois um aciona a utilização do outro, assim o uso frequente do LD despertará o interesse dos alunos pelo dicionário. Conforme Ribeiro e de Paula (2014, p. 34), “além de o LD conter textos e exercícios para a compreensão e aprendizado da leitura muito contribui na aquisição lexical do aluno. Talvez seja a ferramenta que mais possa estimular o aluno ao uso do dicionário” (RIBEIRO; DE PAULA, 2014, p. 34).

O livro é a ponte que liga o aluno ao dicionário preconizando à descoberta de novos termos e de sentidos desconhecidos ao seu repertório lexical. E, assim, percebemos a princípio, que nesse livro do 6º ano o que nos mostra o capítulo I é que há uma abordagem ao léxico a partir dos textos e nas atividades, mas, a maneira como se trabalha é que deixa lacunas precisando de maior atenção por parte do professor em se utilizar de outros meios para enriquecer o ensino do léxico.

Na unidade 4 a abordagem ao léxico também pouco aparece mantendo alguns conteúdos que podem despertar ao ensino do vocabulário, como a coerência textual. A partir dela o professor pode usar textos e enfatizar o uso de sinônimos, antônimos, hiperônimos na construção de coerência num texto, mostrando a capacidade das palavras em marcar a intencionalidade de uma produção, o sentido e a interação com o interlocutor.

Nesse ponto da análise verificamos que apesar do espaço dado ao léxico, ou nas formas que se utilizam de palavras soltas e que poderiam ser trabalhadas questões do léxico, apreende-se que o professor precisa conduzir o trabalho saindo do livro didático e buscando outras fontes para não deixar oportunidades passarem como os exercícios de escrita para praticar a seleção das unidades léxicas de acordo a intencionalidade do texto, a in-

formatividade e ligado nas coesões textuais que estão além dos conectivos dados por conjunções, por exemplo, os substantivos e adjetivos constituem e garantem coesão e coerência aos textos.

O longo do livro vai se repetindo os modos de como se dão atenção ao léxico, sempre focando nas palavras isoladamente quando poderiam esmiuçar mais a fundo o seu uso e contexto. Trabalhar com o léxico é exercer em amplitude suas funcionalidades e muito eficaz em atividades de escrita em aula através da leitura. Então, se o professor nega-se aproveitar o momento da leitura como ensino do léxico ele estará “ignorando a dimensão lexical do texto” resultando em “uma das grandes dificuldades com que se depara o aprendiz da língua escrita” (TURAZZA, 2001, p. 01).

Enfim, o livro didático do 6º ano aborda o léxico nos textos e nos exercícios, principalmente na unidade 1. O tratamento não se estende ao longo de toda a obra com o enfoque nas unidades lexicais, encontrando mais uma necessidade empírica de se partir dos conteúdos dos livros para ensinar o léxico do que contentar-se à abordagem que o livro faz. O papel do professor é fundamental para que interaja com seu aluno, o conduzindo na reflexão do contato com o léxico por meio dos textos e na sua interação social, aumentando o seu aporte lexical.

4. Considerações finais

O livro didático do 6º ano aborda o léxico nos textos e nos exercícios, mas, não contempla todas as unidades e seus respectivos capítulos. O capítulo 1 da primeira unidade é o que mais traz abordagens ao léxico, sobretudo com questões voltadas ao dicionário. Observamos que o LD congrega princípios importantes para os trabalhos com as unidades lexicais quando coloca os alunos em contato com a técnica de dicionarização, por exemplo, onde listas de palavras precisam ser ordenadas de acordo com as normas de um dicionário usual da língua.

Existem lacunas quanto à aplicação das atividades de ensino com o vocabulário, como restringir significados das unidades linguísticas a um determinado contexto, negligenciando outras formas de uso e significação das mesmas por trabalhar elas de maneira isolada, descontextualizadas. O léxico de uma língua compõe nos seus signos linguísticos compreensão satisfatória de sentido com seus referentes, mas em sala, atividades a partir do texto para abordagem do vocabulário alcançam resultados mais expressivos.

Os trabalhos sobre o estudo do léxico estão crescendo no Brasil e cada pesquisa ajuda a fomentar fontes para análises dos trabalhos que são realizados nas escolas com os usos ou não do léxico. Nos livros didáticos que foram analisados, o do sexto ano exposto brevemente aqui, aborda com um espaço maior sobre o léxico, já os outros congregam principalmente glossários ao final de cada texto, ocupando neles maior espaço os trabalhos voltados para a gramática.

Ao final do trabalho, conscientes da sua brevidade, acreditamos que o foco para o desenvolvimento do ensino do vocabulário nas escolas de ensino básico seja a formação do professor, uma vez que é ele que faz a mediação entre o livro didático, ou qualquer outro instrumento, e o aluno em sala de aula. De modo que, mesmo que o livro apresente atividades produtivas a respeito do léxico, sem a intervenção e o direcionamento do professor, o ensino do vocabulário poderá ser apenas tangenciado, não aprofundado como se espera que ocorra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. In: *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Impresso), São Paulo, v. 40, p. 11-6, 1996.

ANTUNES, Irlandé. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens, 6º ano: língua portuguesa*. 7. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. *O ensino do vocabulário: um estudo em turmas de 8ª série do Ensino Fundamental da cidade de Navaraí (MS)*. 104 f. Dourados: UFMS, 1999.

EZQUERRA, Manuel Alvar. *La enseñanza del léxico y el uso del diccionario*. Madrid: Arco Libros, 2003.

FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto de. Por uma teoria que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). In: *Educar em Revista*, Curitiba, v. 15, p. 179-84, 2000.

NEVES, M. H. M. A prática lexicográfica: onde a ciência e arte se encontram. In: *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Impresso), São Paulo, v. 40, p. 129-39, 1996.

SPINA, S. *História da língua portuguesa III: segunda metade do século XVI e século XVII*. São Paulo: Ática, 1987. 77 pp

TURAZZA, Jeni Silva. *Léxico e criatividade*. São Paulo: Annablume, 2005.

TURAZZA, Jeni Silva. Léxico e leitura (Lexicon and Reading). In: *Revista do Gel*, São Paulo: 2001.

VILELA, Mário. *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra: Almedina, 1979.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.